

Revista **a** EVOLUÇÃO

Ano III - nº 34 - Novembro/2022

ISSN 2675-2573



LANÇAMENTO



Filade 2
ABEC
BRASIL
Associação Brasileira de Editores Científicos



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Andreia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Organização:

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Colunista: Isac dos Santos Pereira

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

- Eliane Cristina Bulgan Borges
- Elisângela Oliveira Silva
- Giselda Trindade da Silva
- Lucicleide Pereira dos Santos
- Luís Venâncio
- Manuel Francisco da Silva e
- Estanislau de Sá Bartolomeu
- Marilene Pereira da Silva
- Monica Nunes
- Tatiane Pavão Ongaro Borges
- Patrícia Herminio da Silva
- Silvana Trindade de Azevedo
- Solange Alves Gomes Zaghi
- Vera Lucia Meneses de Lima Marques

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Maurício Amormino Júnior, CRB6/2422)**

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antônio Raimundo Pereira Medrado. - ano 3, n. 34 (nov. 2022). - São Paulo, SP: Edições Livro Alternativo, 2022.
92 p.

Mensal

Vol. 1, n. 1 (fev. 2020)

ISSN 2675-2573

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.34

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antônio Raimundo Pereira.

CDD 370.5

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

ACESSOS:

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.34>



São Paulo
2022

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Comissão editorial:

Antônio Raimundo Pereira Medrado
José Roberto Tenório da Silva
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Denise Mak
Isac dos Santos Pereira
Patrícia Tanganelli Lara
Thaís Thomas Bovo

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeilson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Profa. Ma. Veneranda Rocha de Carvalho

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Profa. Mestranda Cleia Teixeira da Silva
Prof. Doutorando Isac dos Santos Pereira
Prof. Mestrando José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado
José Roberto Tenório da Silva
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 98031-7887
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



www.primeiraevolucao.com.br

A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

PRINCÍPIOS:

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**



Filiada à:



Platform & workflow by
OJS / PKP



Google Acadêmico



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

SUMÁRIO

05 APRESENTAÇÃO

Prof^a. Dra. Andréia Fernandes de Souza

COLUNA

06 **Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes**

Isac dos Santos Pereira



ARTIGOS

1. MÉTODO MONTESSORI: A CRIANÇA COMO PROTAGONISTA DO SEU APRENDIZADO Eliane Cristina Bulgan Borges	11
2. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO INSTRUMENTO PARA FORMAÇÃO CRÍTICA DA CRIANÇA Elisângela Oliveira Silva	17
3. A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS MATEMÁTICOS NO ENSINO FUNDAMENTAL I Giselda Trindade da Silva	25
4. O AUTISMO E SUAS IMPLICAÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR Lucicleide Pereira dos Santos	31
5. A RELAÇÃO PEDAGÓGICA ENTRE O PROFESSOR/ALUNOS E OUTROS ACTORES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM Luís Venâncio	37
6. ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA A APRENDIZAGEM DA MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA Manuel Francisco da Silva e Estanislau de Sá Bartolomeu	43
7. A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NA ALFABETIZAÇÃO Marilene Pereira da Silva	51
8. ALIMENTAÇÃO E ATIVIDADE FÍSICA CONTRIBUIÇÕES PARA UMA VIDA SAUDÁVEL Monica Nunes	57
9. A CONTRIBUIÇÃO DA DIDÁTICA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE Patrícia Herminio da Silva	63
10. AS BRINCADEIRAS EM DIAS DE PANDEMIA Silvana Trindade de Azevedo	69
11. AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL Solange Alves Gomes Zaghi	77
12. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS Tatiane Pavão Oongaro Borges	81
13. A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL Vera Lucia Meneses de Lima Marques	85

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO INSTRUMENTO PARA FORMAÇÃO CRÍTICA DA CRIANÇA

ELISÂNGELA OLIVEIRA SILVA

RESUMO

Esse trabalho abordará a contação de histórias como um excelente suporte pedagógico para auxiliar no desenvolvimento crítico e criativo das crianças. Contar histórias é uma arte muito antiga que se mantém viva até os dias de hoje. Suas contribuições perpassam gerações através da propagação dos saberes e da cultura. As crianças necessitam do lúdico para compreender o mundo que as cercam, e ouvir histórias torna-se um meio de compreender e traduzir este mundo. Portanto, a contação de história pode ser uma grande aliada para auxiliar os professores na prática cotidiana da sala de aula, com vistas ao desenvolvimento cognitivo das crianças, além de auxiliar para a formação de futuros leitores.

Palavras– chave: Arte. Contação de histórias. Desenvolvimento. Educação.

INTRODUÇÃO

Há quem comprove os benefícios de se contar histórias para os bebês ainda no ventre, pois além de estreitar os vínculos afetivos, a melodia e as diferentes entonações de voz da mãe acostuma a criança, desde cedo, aos diferentes processos narrativos. Além disso, as histórias contadas têm a capacidade de transportar a criança para outros tempos, aproximando-as das diferentes culturas e ampliando o potencial imaginativo e criativo.

Narrar histórias para as crianças permite que elas se deparem com diferentes problemas e conflitos que as levam a refletir sobre os fatos e busquem formas de resolvê-los. Essa experimentação amplia significativamente o repertório de conhecimento da criança sobre si e sobre o mundo, auxiliando-a na tomada de decisão e na formação da personalidade.

Ainda, o contato com a literatura, permite que a criança seja posta a outras experiências fundamentais para a convivência social, como o desenvolvimento da comunicação linguística, a escuta coletiva, a percepção da igualdade ou da diferença, o reconhecimento das diferentes emoções e como lidar com elas, para a diversidade estética, para a percepção do tempo e do espaço etc.

Trazendo essa experiência para a vida escolar, muitas vezes, quando o professor conta uma história para as crianças ele espera que elas tenham uma resposta imediata e traduzam por representações orais, escritas ou artísticas o que foi narrado. Mas nem sempre essa experiência é facilmente decodificável, já que cada criança traz consigo diferentes experiências de vida. Tem que se considerar também que muitas crianças não tiveram ou ainda não tem fácil acesso aos livros.

É possível transportar as crianças para outra época por meio da leitura, e apresentar os costumes do seu tempo ou de outros tempos, mas tem que ser respeitado os ritmos de cada uma e as diferentes formas de interpretação que serão enriquecidas com suas experiências de vida.

A história narrada tem o potencial de compartilhar experiências e unir as pessoas, conhecer a si e aos outros e confrontar a fantasia com a realidade. Ainda, o universo narrativo revela modos de interação social entre os personagens, que leva o leitor a ter uma postura crítica reflexiva diante das diferentes experiências.

A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS INFANTIS

Com as constantes mudanças na educação, com vistas à formação integral do aluno, preparando-o para atuar de maneira autônoma, crítica e consciente do seu papel social, temos na leitura uma grande aliada desse processo. Quando o indivíduo é inserido no mundo da leitura desde cedo, ele é levado a

interpretar os diferentes modos de vida e conflitos que a narrativa apresenta, que o leva a refletir sobre os fatos na tentativa de buscar soluções. O contato com diferentes narrativas auxilia a criança a compreender a realidade.

Conforme Nunes (2012, p. 15) “é preciso entender que gostar de ler não é um dom, mas um hábito que se adquire.... Investir em pequenos leitores é uma das muitas maneiras de semear futuros leitores assíduos.” O incentivo à leitura deve ocorrer desde cedo, e para que a criança seja imersa no mundo leitor de maneira natural, esse contato deve ser impregnado de encantamento e mexer com a imaginação e a fantasia da criança.

As primeiras experiências da criança com os livros não exigem que ela domine os códigos escritos, pois ela pode interagir com a história e interpretá-la mesmo por meio das suas ilustrações. Porém, algumas histórias tratam de situações que podem não fazer sentido para ela, já que, devido sua pouca experiência, não consegue transportar alguns contextos para o seu mundo imaginário, necessitando do adulto para auxiliar na compreensão das imagens e seus significados.

Nesse contexto, o ato de contar histórias assume o caráter pedagógico, já que o adulto passa a ser um mediador do conhecimento, possibilitando o aumento da capacidade intelectual. Esta aquisição de conhecimento pode dar-se por meio da escuta, ao passo que ouve uma história, uma música ou uma poesia. Oliveira (1996, p. 27), afirma que:

A literatura infantil deveria estar presente na vida da criança como está o leite em sua mamadeira. Ambos contribuem para o seu desenvolvimento. Um, para o desenvolvimento biológico: outro, para o psicológico, nas suas dimensões afetivas e intelectuais. A literatura infantil tem uma magia e um encantamento capazes de despertar no leitor todo um potencial criativo. É uma força capaz de transformar a realidade quando trabalhada adequadamente com o educando.

Desta forma, a autora enfatiza que quando trabalhada adequadamente, a literatura mexe com o cognitivo da criança e desperta seu potencial criativo a partir do momento que ela começa a fazer uma nova interpretação da realidade.

Então, quando a criança é apresentada por meio das práticas de contação de histórias, ao mundo das palavras por meio da literatura infantil e da maneira expressiva de contar histórias, de forma lúdica e prazerosa, participando do texto, da história, sentindo emoções, transportando-se para o mundo imaginário, sem distanciar-se do real, está com certeza encontra sentido para as palavras, passando a ver que a leitura é mais do que ler um amontoado de palavras, é magia, é prazer, fantasia e realidade. (FINK, 2001, p. 17).

Para incentivar o prazer pela leitura, é preciso transpor o potencial estético da fantasia para que a criança se encante por essa prática. É natural da criança se encantar com o belo! Sendo assim, o planejamento das atividades com base na contação de histórias deve ter a ludicidade como primordial, com a utilização de recursos como fantoches, dedoches, teatro com sombra, fantasias etc. Além de diferentes entonações de voz e de brincadeiras baseadas na história contada, como adivinhas, quadrinhas e poesias.

Contar histórias precisa ir além de entender os códigos escritos, precisa mexer com a imaginação da criança a ponto de transportá-la ao plano do imaginário e trazê-la novamente para o mundo real. Para isso, é necessário que o contador seja um bom leitor.

Hunt (2010, p. 120) destaca “mais um item na interface entre leitor e livro: o conhecimento de livros e autores trazido pelo leitor.” Quando o contador é um leitor assíduo e tem amplo conhecimento das obras voltadas ao público infantil, ele consegue estabelecer um elo entre a leitura que deve ser feita com o momento e a realidade da criança, além de utilizar os recursos necessários para prendê-la na narrativa, tornando este momento interessante.

Ao serem expostas aos estímulos positivos de leitura desde cedo, a criança já está adquirindo atitudes leitoras, que será levada por toda a sua vida.

E, para isso, quem conta tem que criar o clima de envolvimento, de encanto... Saber dar as pausas, o tempo para o imaginário de a criança construir seu cenário, visualizar os seus monstros, criar os seus dragões, adentrar pela sua floresta, vestir a princesa com a roupa que está inventando, pensar na cara do rei e tantas coisas mais. (CORTES, 2006, p. 82).

Quando o contador se preocupa com os processos para a contação de história, como o enredo, o local, a luminosidade, o tempo e o ritmo da história, a faixa etária dos ouvintes e, ainda, demonstra habilidades para usar diferentes entonações e expressões faciais seguindo a narrativa para expressar alegria, tristeza, suspense, susto, medo, dentre outras, ele consegue transportar para o ouvinte toda a magia que a leitura proporciona. Muitas vezes, o leitor serve de modelo para as crianças que, ao finalizar a história, demonstram interesse em pegar o livro para manusear e recontar a história imitando o contador.

Dessa forma, é de grande valia assumir realmente o papel do contador de histórias, demonstrando segurança e, acima de tudo, prazer pelo que faz. Goés (1991) sinaliza que a literatura é deleite, entretenimento, instrução e educação para as crianças, mas que o prazer deve ser o mais importante, porque se não houver arte que produza o prazer, a obra não será literária e, sim, didática. Sobre a literatura deleite, que mexe com a imaginação e a fantasia ao mesmo tempo que diverte e a leitura com a finalidade didática, Coelho (2000, p.46), argumenta que:

[...] como “objeto” que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, “modifica” a consciência de mundo de seu leitor, a Literatura Infantil é Arte. Por outro lado, como instrumento manipulado por uma intenção “educativa”, ela se inscreve na área da Pedagogia.

Neste sentido, pode-se afirmar que quando a contação de histórias for bem planejada, unindo o prazer com a intenção educativa, torna-se de grande valia para o desenvolvimento da criatividade e imaginação, da oralidade, além das aptidões cognitivas e psicológicas fundamentais para as relações sociais.

AS TRANSIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A REINVENÇÃO DO PROFESSOR CONTADOR

O hábito de se contar histórias é muito antigo, surgiu muito antes da escrita ter sido inventada, se desenvolveu bastante no fim do século passado e vem sendo cultivada até os dias de hoje. Devido à necessidade de repassar os fatos históricos, inicialmente, as histórias eram contadas oralmente, tendo seus primeiros registros escritos por volta do século XVII a XIX com Charles Perrault, com os irmãos Grimm, entre outros. (Brasil, 2006, p. 85).

Sobre essa trajetória, as autoras Eleonora Abílio e Margareth Mattos (2006), afirmam que:

As narrativas da tradição são citações populares – feitas por autores anônimos – que sobreviveram e se espalharam devido à memória e à habilidade de seus narradores que, de geração em geração, incumbiam-se de manter viva a tradição... homens, mulheres e crianças – que não sabia ler e que se reunia, à noite em redor de fogueiras e lareiras... para escutar o que viria a se tornar mais tarde, material registrado por estudiosos e folcloristas como Charles Perrault, no século XVII, e os irmãos Grimm, no século XIX.” (apud MEC, 2006, p.85).

Naquela época, contar histórias era um passatempo prazeroso para aquela sociedade, que mantinham vivas suas memórias através dos contos narrados, passados de geração em geração. Com o advento das primeiras histórias grafadas, a reprodução dos contos escritos deu origem a uma grande corrente que prosseguiu levando o encantamento das histórias pelo mundo afora.

Vários pesquisadores se engajavam nessa arte de ouvir e transcrever as histórias para depois contá-las. No Brasil, também a partir do século XIX vários escritores como Sílvio Romero, Mario de Andrade, Afrânio Peixoto, entre outros se destacavam com suas coletâneas. Entre os contemporâneos temos como exemplo, Ricardo Azevedo, Ana Maria Machado que passou a incluir as ilustrações para transcrever as histórias (FARIA 2004, p. 23).

Em virtude do grande crescimento econômico da época, marcado pela Revolução Industrial, houve a necessidade dos trabalhadores se capacitarem para atender a uma demanda cada vez mais capitalista. Nesse período a criança era considerada como um indivíduo inacabado, cabendo a família a responsabilidade por sua educação.

Dessa forma, começaram a exigir mais dos trabalhadores com relação aos saberes, fazendo com que a educação fosse repensada, apontando para necessidade de se preparar as crianças para um futuro favorável às necessidades da sociedade capitalista que crescia naquela época. Conforme Oliveira (2008):

“... Nos séculos XVIII e XIX, enfatizou a importância da educação para o desenvolvimento social. Nesse momento a criança passou a ser o centro do interesse educativo dos adultos “(Oliveira, 2008, p.62)”. Os livros voltados para as crianças eram na sua maioria escritos por professores, mas totalmente engajados nas práticas pedagógicas sociais para o ensino de bons hábitos e eram considerados livros literários de baixo valor (Alves, 2009).

As obras publicadas nessa época eram traduções e adaptações das obras portuguesas. Leite (2017), complementa ao dizer que:

A Literatura Infantil chega ao Brasil somente mais tarde, ocorrendo inicialmente após a implantação da Imprensa Régia, em 1908, mais especificamente com a chegada de D. João VI ao país. Nessa época as obras eram apenas as traduções das obras de Portugal. Alberto Figueiredo Pimentel foi um dos primeiros autores da época a fazer adaptações que ficaram conhecidas pela inserção dos contos europeus no Brasil. O autor publica traduções dos contos de Perrault, dos irmãos Grimm e de Andersen, em obras como Contos da carochinha, Histórias da avozinha, Histórias da baratinha.

Nesse movimento, os contos populares passaram a relatar o folclore brasileiro, o cotidiano e o imaginário dos povos africanos e indígenas. E as narrativas começaram a se transformar de acordo com o contador, as escritas e as orais passaram a ser também interpretadas por meio de versos. (BRASIL, 2006, p.48).

Assim, as histórias para crianças originaram dos contos populares. Segundo FARIA (2004), hoje são encontrados vários tipos de contos relacionados entre contos tradicionais e modernos. Os contos tradicionais seriam aqueles tidos como contos de fada os maravilhosos que encantam as crianças por seu aspecto imaginário e simbólico. A exemplo disso, SORIANO (2009) apud ALVEZ (2007), apontam que:

Tecemos nossa identidade através do processo de contar histórias para nós mesmos – como histórias secretas e fantasias – ou para outras pessoas, no convívio social. (...) Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos ser no presente e o que gostaríamos de ser [no futuro].

Portanto, as histórias transportam os saberes para outros tempos e espaços, disseminando o conhecimento das diferentes culturas, tão fundamentais para o desenvolvimento psíquico, cultural e intelectual da criança. Ainda, através do confronto entre o real e o imaginário, leva a criança a formular hipóteses e construir diferentes maneiras de resolver os problemas cotidianos. Assim, quanto antes a criança for inserida no mundo leitor, mais cedo poderá ampliar seu conhecimento de mundo.

O próximo tópico apresentará uma abordagem reflexiva sobre o trabalho com a literatura infantil na sala de aula, apontando para as formas de se obter um melhor proveito dos objetivos pedagógicos. Para a nossa reflexão, nos apoiaremos em Cademartori (1994), ao reiterar que:

(...) a literatura infantil se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade. Se a dependência infantil e a ausência de um padrão inato de comportamento são questões que se interpenetram, configurando a posição da criança na relação com o adulto, a literatura surge como um meio de superação da dependência e da carência por possibilitar a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento. Cademartori (1994, p.23)

Uma história traz consigo inúmeras possibilidades de aprendizagem. Assim, mais do que uma atividade educativa agradável, ela oportuniza aos pequenos a ampliação do conhecimento e da visão de mundo, bem como a construção das identidades culturais via memória oral e visual. Por contribuir para o desenvolvimento físico, cognitivo e das crianças, se configura como uma importante aliada pedagógica na educação infantil. Para Aguiar & Bordini (1993, p. 14):

(...) a obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado a esse mundo pelo autor. Assim, não é um mero reflexo na mente, que se traduz em palavras, mas o resultado de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criadora. Essa interação se processa através da mediação da linguagem verbal, escrita ou falada ...

Assim, a literatura vai além de um simples recurso para auxiliar nas práticas pedagógicas, ela é instrumento que propicia o conhecimento e auxilia na formação do senso crítico e reflexivo dos alunos. Mesmo lendo e ouvindo a mesma história, cada pessoa terá uma visão diferenciada dos fatos, pois sua interpretação dependerá da sua visão de mundo.

Dá a importância de o contador escolher histórias que estejam de acordo com a realidade das crianças para que façam sentido para elas. Ainda, é necessário fazer uma leitura prévia para conhecer a narrativa, ou seja: “Conviver com a história significa passear por seus cenários e em companhia de suas imagens” (RIBEIRO, 2001, p. 75). Corroborando, Sisto (2005) considera que: “como um colecionador, que conhece a fundo cada peça de sua coleção, o contador de histórias há de reconhecer cada parte da estrutura de uma história que ele conta”. E assim, terá a oportunidade de se apropriar da história, do enredo e seus personagens antes de contar, além de perceber e buscar os recursos necessários para auxiliar no envolvimento da criança, contribuindo para o desenvolvimento da sua imaginação.

Os livros compostos por textos e ilustrações também têm de ser pensados, pois as ilustrações funcionam como subsídio enriquecedor das obras, sendo um aspecto visual que tanto cativa as crianças pela sua beleza quanto auxiliam a contar a história, não devendo, portanto, ser ignoradas pelos mediadores de leitura. As crianças têm uma capacidade de imaginação e abstração muito maior que um adulto, pois carregam em si menos referências visuais, por isso as ilustrações devem atender esses processos trabalhando de forma eficaz para o desenvolvimento cognitivo e estético perceptivo de seus receptores. As imagens também auxiliam a dar um descanso dos textos mais longos. De modo que FARIA (2004), exemplifica esse momento ao dizer que:

A seqüência de imagens propostas no livro ilustrado conta freqüentemente uma história-cheia de “brancos” entre cada imagem que o texto de um lado e o leitor cooperando, de outro, vão preencher. Mas a história que as imagens contam não é exatamente aquela que conta o texto. Tudo se passa como se existissem dois narradores, um responsável pelo texto, outro pelas imagens. FARIA, (2004, p. 39)

Enquanto ouve alguma história, as crianças percorrem as ilustrações com olhos curiosos e encantados, manifestando assim a criatividade para devaneios e construção do próprio entendimento sobre a narrativa. Cada criança constrói suas imagens no seu interior e isto lhe proporcionará um contentamento em ouvir aquela história e fará uma interpretação pessoal, uma relação em conformidade com o seu universo, sem qualquer restrição, onde a imaginação flui naturalmente.

O professor deve manter a interação da turma com a narrativa fazendo a mediação entre o texto escrito com as imagens ilustrativas, mantendo um diálogo constante entre o ouvinte e o leitor e levando as crianças a fazer a leitura das imagens para entender os acontecimentos.

Sobre essa concepção, Faria (2004) aponta para a técnica da janela, sendo um método que os ilustradores fazem para ampliar o olhar do leitor sobre a narrativa, ora se colocando dentro do contexto, ora se afastando para ver de fora.

A janela é, já que, uma técnica dos ilustradores para ampliar o espaço da narrativa, mostrando cenas diferenciadas e expressivas, ou fazendo o leitor “ver de fora”. O que se passa dentro do cômodo em que acontece a história. E dá ao educador a oportunidade de conversar com as crianças sobre o que dizem esses dois espaços, ampliando a competência em leitura de imagem (FARIA 2004, p.50).

Naturalmente, a criança vai desvendando as imagens e aproximando-as da fala do professor que faz a mediação entre história e ilustrações. Mediar a leitura envolve observação, orientação e interação. O mediador deve ser, antes de tudo, um leitor que tem o papel de colocar-se como ponte entre o texto e o leitor. “Cabe ao professor ser o mediador dessa transição, pois ele sendo o leitor mais experiente, estimula seus aprendizes a experiências e habilidades de que exige a leitura de literatura”. (FONTANA, 2005).

Dessa forma, como mediador, o professor deve se envolver com o enredo, incorporando aos sentidos, assim conseguirá transmitir para as crianças a emoção causada pela história e despertar nelas o prazer pela leitura.

Segundo Bettelheim:

(...) para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver

seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam ... Bettelheim (1996, p. 13)

No entanto, não basta que o professor inicie uma leitura apenas para complementar algum conteúdo sem ao menos se preocupar com o momento ou o interesse das crianças. O professor precisa ter uma escuta atenta para identificar as curiosidades das crianças, assim, ele poderá ler histórias que estejam de acordo com os interesses delas, despertando assim a imaginação e levando-as ao exercício da reflexão, e, muitas vezes, levando-as a encontrar nos livros as respostas. A partir do momento em que uma história atravessa as pessoas e causa identificação, as chances do envolvimento acontecer também são maiores.

Nessa linha de pensamento, RIBEIRO (2001), faz uma crítica no seu livro *Ouvidos Dourados*, expondo sua indignação as histórias que não favorecem o estímulo dos sentidos, tidas apenas como pretexto para o cumprimento das proposições pedagógicas, dizendo:

“Abaixo as histórias utilitárias! (...) nós não contamos histórias para a interiorização de regras gramaticais (...). Contamos histórias porque amamos contá-las, (...) porque temos a necessidade de tornar nossas vidas significativas”. (RIBEIRO, 2001, p.12).

Portanto, a escolha das histórias para a sala de aula tem de ser pensada, visando o contexto como um todo, seja para atender as necessidades das crianças ou para iniciar algum conteúdo. Cabe ao professor promover diferentes maneiras de internalização e interpretação dos temas abordados, agregando prazer e significado. Espera-se que o mediador desenvolva uma postura preocupada com o desenvolvimento dos alunos, fazendo da leitura uma ferramenta valiosa para o despertar da imaginação e da fantasia, levando ao exercício da reflexividade.

Corroborando com a ideia de que a imaginação e a fantasia são bases para um pensamento criador, DANTAS, (2010) ressalta que ao lidar com essas variáveis subjetivas, a arte de contar histórias é vista como referência de criação de espaços de encantamento. Nesse sentido, é fundamental se preocupar com os processos da contação de história na tentativa de promover o encantamento do ouvinte pela leitura, visando o aprimoramento dos aspectos cognitivos. Todavia, nas palavras de DANTAS:

Há muito é sabido do prazer que é sentar em roda e ouvir uma gostosa história. O sabor remonta a passados longínquos e, apesar das inovações tecnológicas, é sempre com renovado anseio e deleite que nos dispomos a ouvir uma história. Todos nós, adultos e crianças. DANTAS, (2010, p.1):

Desta forma, o autor nos leva a perceber que, apesar da contação de histórias ser um movimento muito antigo, ela se faz presente até os dias de hoje e mesmo com os avanços tecnológicos, nada substitui o prazer de ouvir uma história narrada oralmente. A experiência causada pelas diferentes expressões e entonações feitas pelo narrador, o encantamento pelos recursos usados como fantoches, a proximidade com o outro, cria uma experiência única e mágica, repleta de expectativas. Nesse sentido, SISTO (2005) corrobora com DANTAS, (2010) ao destacar que:

Contar oralmente uma história está relacionado ao reunir, ao criar intimidade, ao ato de entrega coletiva. É um ato agregador de pessoas; é o exercício do encontro - consigo, com os outros, com o universo imaginário, com a realidade, por extensão! (SISTO, 2005, p. 2)

Contudo, com os avanços tecnológicos no início do século XXI, os jovens estão cada vez mais imersos na era digital. As constantes mudanças tecnológicas aproximaram cada vez mais as crianças das produções culturais por meios diversos, como o DVD ROM, CD-ROM (com histórias narradas acompanhadas de livros de imagens), a internet (com o acesso a imagens e vídeos), entre outras.

A tecnologia informatizada aponta para o uso da linguagem digital, como por exemplo, os hipertextos, imagens coloridas, músicas, vídeos, etc. vista como um importante suporte no contexto educacional para acompanhar a interatividade e receptividade que os jovens vêm recebendo as informações. Nessa nova perspectiva, WESCHENFELDER, (2009) ensina que:

Ler, escrever e contar histórias na era do terceiro polo do espírito humano- o polo informático midiático- pressupõe que o binômio professor-escola adote posturas teórico-pragmáticas que valorizem a inteligência coletiva, a polifonia, a interdisciplinaridade e a

intertextualidade, posto que o novo ator da comunicação, agora ligado aos neurônios digitais, já dividem o mesmo hipertexto numa situação inédita de interatividade e receptividade, em que todas as formas de vozes produzem o mega texto, produto de um empreendimento coletivo. (WESCHENFELDER, 2009, p. 37).

Portanto, acompanhar a evolução tecnológica exige um novo perfil de professor que deve adotar uma postura colaborativa ao fazer bom uso das ferramentas tecnológicas para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem. VALLE, (2022, p.11), afirma que “Não se trata da incorporação pura e simples das tecnologias em sala de aula, nem somente da atuação dos professores. Trata-se de promover aprendizado aliando todos estes vetores.”

Apesar de a narração oral prevalecer dentro dos espaços educacionais, ela já alcançou outros ambientes, talvez nunca idealizados pelos contadores de história da antiguidade: O ciberespaço, indicado por LÉVY, (2000, p. 92) como: “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”, no qual múltiplos sentidos são construídos.

A internet revolucionou nossa forma de consumir informação entre uma série de outras questões. Isso, justamente porque trouxe inúmeras vantagens para o nosso dia a dia, destacando para o entretenimento e a comodidade em fazer as coisas de qualquer lugar, em qualquer momento. O ciberespaço se configura como um ambiente rico de possibilidades para apresentar a história seguindo o comportamento informacional atual da sociedade, BARRETO e SOUSA (2017, p. 8) afirmam que:

O imediatismo tecnológico do século XXI possibilita o encontro entre a narração oral tradicional e o suporte digital ao passo que o contador de histórias se vale dos palcos midiáticos para narrar e encantar sua comunidade de ouvintes...

Contudo, a função social da contação de histórias pode ter se modificado com o passar dos anos, mas sua faculdade expressiva permanece inviolada. Para Levy (2000, p. 211), “...é um erro pensar que o virtual substitui o real, ou que as telecomunicações e a telepresença vão pura e simplesmente substituir os deslocamentos físicos e os contatos diretos...” As sensações causadas por uma boa história contada, com todos os recursos necessários para alcançar o ouvinte, continua emocionando e, de alguma forma, modifica a maneira como o aluno compreende o mundo e as relações.

Seguindo a contemporaneidade, a arte de narrar também se modifica, e o novo contador reconhece essa mutabilidade. Hoje em dia, os contadores de história devem estar aptos para confrontar as diferentes circunstâncias, se ajustando às mudanças que o mundo apresenta. Um mundo “onde o conhecimento é um recurso flexível, fluido, sempre em expansão e em mudança” (Hargreaves, 2003, p. 33). Sob tais circunstâncias, é notável a necessidade de buscar conhecimento informacional no contexto do ciberespaço, ciente que este é uma realidade e um espaço de troca e construção de saberes.

O novo contador de histórias passa pelo processo de reinvenção e adaptação da sua ação à instabilidade do meio e do público para que contam, unindo a tecnologia de informação e comunicação aos elementos e recursos tradicionais que possam colaborar com seu ofício, como fantasias, fantoches, sombras, instrumentos musicais, entre outros. Porém, percebemos que os recursos mais importantes a serem considerados, certamente, são aqueles que encantam. Seja aqueles revelados pelo corpo do contador por meio da voz, dos gestos, do olhar que aproxima, cativa e envolve, na maneira como interage com os seus ouvintes, ou se apropriando das ferramentas tecnológicas ao mesmo tempo em que a transforma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude do que foi mencionado, a arte de contar histórias se configura em um movimento de valor inestimável, que possibilita o resgate e a preservação da memória, o compartilhamento do conhecimento, da cultura e da arte.

As histórias são de grande valia para os indivíduos, pois considerando o seu poder de mexer com a imaginação, leva a pessoa a confrontar a realidade e refletir sobre as diferentes situações que ocorrem no contexto social em que elas estão inseridas. Alcançar a imaginação requer propor práticas e experiências que levem os ouvintes a experimentarem o exercício da subjetividade, conhecer a realidade do outro e confrontá-la com a sua, e mudá-la, se necessário. Para obter sucesso neste quesito, é fundamental que o ato de contar histórias seja regado de mecanismos para envolver o ouvinte, despertando o interesse pela narrativa e consequentemente exercitando o hábito da leitura.

Percebemos também que os avanços tecnológicos exigem cada vez mais que os professores e novos contadores de histórias estabeleçam uma conexão entre o encantamento da narrativa com o uso das tecnologias, tornando-as aliadas facilitadoras do processo de construção de novos saberes. Torna-se evidente que, mesmo com os grandes avanços tecnológicos e os mais variados recursos disponíveis, a narrativa oral presencial ainda é de grande valia e significância por fomentar a imaginação dos ouvintes, por meio da fantasia, do poético e do simbólico, suscitando o encantamento e construindo pontes entre real e imaginário, fundamental para o exercício da reflexividade.

Por fim, esse trabalho mostrou a importância da contação de histórias como uma potente aliada nas práticas dos professores preocupados em contribuir para a formação crítica dos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABÍLIO, Eleonora Cretton; Mattos, Margareth Silva de. **Letramento e leitura da literatura**. In: Carvalho, Maria Angélica Freire de; Mendonça, Rosa Helena (orgs.). Práticas de leitura e escrita. Brasília: Ministério da Educação, 2006. p. 84-89.
- AGUIAR, V.T. & BORDINI, M.G. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2.ed. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1993.
- ALVES, Valéria de Oliveira. **Entendendo a literatura infantil**. 2009.
- BARRETO, R. B.; SOUSA, L. F. DE. **Protagonismo midiático infantil: análise do comportamento informacional de vlogueiros contadores de histórias**. Informação em Pauta, v. 2, n. especial, p. 197-216, 2 nov. 2017. Disponível em: <http://www.eneu2017.ufc.br/index.php/eneu/1/paper/viewFile/61/32>. Acesso em: 26/11/2022.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 11.ed. Rio de Janeiro : Paz /e Terra, 1996. p. 11-43.
- BRASIL, Secretaria de educação à distância. **Práticas de leitura e escrita**/ Maria Angélica Freire de Carvalho, Rosa Helena Mendonça (orgs.). Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil?** 6.ed. São Paulo : Brasiliense, 1994
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- CORTES, Maria Oliveira. **Literatura Infantil e Contação de Histórias**. Viçosa – MG, CPT, 2006.
- DANTAS, Hosana. **A arte de contar histórias: espaços de encantamento e desenvolvimento de pessoas**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/50652080/ESPACOS-DE-ENCANTAMENTO>. Acesso em: 26 nov. 2022
- FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.
- FINK, Alessandra Tiburski. **O ensino-aprendizagem e a formação do leitor a partir da literatura infantil**. 2001. Monografia de conclusão de curso (Pedagogia) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus de Frederico Westphalen, 2001.
- FONTANA, Roseli A. Cação. **Mediação pedagógica na sala de aula**. 3. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2000
- GOÉS, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 1991.
- HARGREAVES, Andy (2003). **O Ensino na Sociedade do Conhecimento: a educação na era da insegurança**. Coleção Currículo, Políticas e Práticas. Porto: Porto Editora
- LEITE, Lhais. **O contexto histórico da literatura infantil**. Publicado em 27 de novembro de 2017. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/o-contexto-historico-da-literatura-infantil/154769>. Acesso em: 25/11/2022.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: 34, 2000.
- HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- NUNES, Izonete et al. A importância do incentivo à leitura na visão dos professores da escola Walt Disney. In.: **Revista eletrônica online**. Editora: REFAF –, 2012.
- OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Leitura Prazer: Interação Participativa da Criança com a Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Paulinas, 1996.
- OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: Fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.
- RIBEIRO, Jonas. **Ouvidos Dourados: a arte de ouvir as histórias (... Para depois contá-las...)**. São Paulo: 2001.
- SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Positivo. 2ª Ed. Curitiba Série: Práticas educ., 2005.
- SORIANO, Mônica Elizabete Amaral. **Contos de Fadas e Identidade Infantil**. São Gonçalo, 2009. Disponível: <http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/MEAS.2009.pdf>. Acesso em: 26/11/2022.
- VALLE, Luciana R. de L. Dalla. **Reinventando a TV na escola: Uma experiência da TV escola com os professores do estado do Paraná**. Curitiba, 2002. 94 fls. Dissertação de Mestrado. UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.
- WESCHENFELDER, Eládio Vilmar. **Leitura em tempos de cibercultura**. In: _____. Práticas leitoras para uma cibercivilização: vivências interdisciplinares e multimídiais de leitura. Passo Fundo: UPF, 2009.



ELISÂNGELA OLIVEIRA SILVA

Licenciatura Plena Pedagogia pela Universidade Nove de Julho, UNINOVE, SP, Pós graduada em Educação Inclusiva pela Faculdade Campos Elíseos, FCE, SP; Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

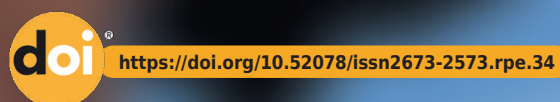


ORGANIZAÇÃO:

Andréia Fernandes de Souza
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Eliane Cristina Bulgan Borges
Elisângela Oliveira Silva
Giselda Trindade da Silva
Lucicleide Pereira dos Santos
Luís Venâncio
Manuel Francisco da Silva e
Estanislau de Sá Bartolomeu
Marilene Pereira da Silva
Monica Nunes
Tatiane Pavão Ongaro Borges
Patrícia Herminio da Silva
Silvana Trindade de Azevedo
Solange Alves Gomes Zaghi
Vera Lucia Meneses de Lima Marques



Produzida com utilização de softwares livres



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

